

CAPÍTULO I

Retórica, dialética e filosofia: uma antiga rivalidade

1. A contenda original

Uma disputa clamorosa está na origem de três disciplinas humanísticas fundamentais: a retórica, a dialética e a filosofia. Ainda hoje é impossível pensar em qualquer uma delas sem ligá-las a um dos três protagonistas da famosa querela: Górgias em prol da retórica, Sócrates em prol da dialética e Platão em prol da filosofia. De fato, os anos entre 427 e 387 a.C. foram decisivos para todas as três disciplinas. 427, ano em que nasceu Platão, também foi o ano da chegada de Górgias a Atenas, com cinquenta anos, e da sua primeira criação da retórica ateniense. 387, quando Platão tinha quarenta anos e o idoso Górgias, noventa (Sócrates morrera fazia doze anos, embora fosse mais moço que Górgias), foi o ano em que Platão opôs violentamente a filosofia à retórica no diálogo que tem por título o nome do adversário combatido, *Górgias*.

Não é fácil, à primeira vista, fixar linhas claras de demarcação entre retórica, dialética e filosofia, mesmo porque, mal as três disciplinas fizeram seu aparecimento explícito no pensamento ocidental — precisamente entre 427 e 387 a.C. —, logo se preocuparam mais em combater uma à outra do que em definir sua identidade. É mais fácil constatar como todas as três atuam no mesmo terreno: propor temas de caráter geral, sustentá-los através de uma tese, discutir para demonstrar sua validade. Também é fácil constatar que, em dado momento daquele quarentênio, dialética e filosofia aliaram-se contra a retórica, considerada inimigo comum, ainda que esta aliança agressiva estivesse destinada a não durar muito, ou, pelo menos, a entrar em crise com a chegada de Aristóteles.

No entanto, há ao menos de início uma diferenciação que separa a retórica da filosofia. É a mesma diferença que separa o esporte "agonístico" (de competição) do esporte recreativo: à retórica é essencial o critério de ter êxito, de ser eficaz, sobretudo de não fracassar; já à filosofia são essenciais critérios de *per se* privados de "agonismo", como a dicotomia verdadeiro-falso, ou bom-mau. Todavia, a retórica não tardou a contagiar a filosofia com seu caráter agonístico, e esta herda a sua agressividade tanto contra a própria retórica, quanto nas polêmicas internas entre as escolas filosóficas. De todo modo, retórica e filosofia têm em comum o fato de serem aventuras eminentemente individuais, infensas a qualquer colaboração de grupo. Já a dialética surge como uma atividade de colaboração; nem sempre é agonística, mas quando o é trata-se de um agonismo de grupo, como o que se dá entre os personagens de um diálogo platônico; é um agonismo que pressupõe de saída um protagonista vencedor e um grupo de comparsas que, com divergências aparentes ou tuteladas, têm a única função de apoiá-lo.

A polêmica de Platão contra Górgias alimentou a convicção de que o agonismo da retórica deve ser entendido como uma arte de ter sucesso a qualquer preço, inclusive através do imbróglio. Mas, já então se tratava, como emana dos próprios diálogos platônicos, de um agonismo bem mais importante e mais nobre: o de conseguir antes de mais nada escolher os melhores temas de discussão. Disso Górgias se gaba, no *Górgias* de Platão, diante da insidiosa pergunta de Sócrates:

Sóc. Qual é (...) o tema de que tratam os raciocínios em que a retórica consiste?

Górg. São os argumentos mais importantes, ó Sócrates, e os melhores dentre as coisas humanas.¹

Surge aqui uma primeira tarefa da retórica: a especificação de temas conceituais de que valha a pena se ocupar. Sua primeira prova agonística é, pois, uma *heurística*, ou seja, a arte de descobrir temas e conceitos.

1. Plat., *Gorg.*, 451 d.

O próprio Górgias deu-nos um exemplo memorável dessa arte. Quando Platão ainda era adolescente, provavelmente em 414 a.C., escreveu o célebre *Elogio de Helena*, atraindo pela primeira vez a atenção do pensamento ocidental para um tema novo que devia apaixonar os intelectuais durante séculos em discussões que perduram até os dias de hoje: o direito que o instinto irracional, a voz dos sentidos, tem de se impor ao lado e até mesmo contra a razão. Contudo o que mais caracteriza essa heurística conceitual da retórica é o inventar, junto com os temas da discussão, também a sua apresentação em imagens e palavras. Por isso a referência aos sentidos em Górgias não é um conceito enunciado apenas teoricamente, mas é o próprio rosto de Helena que trai o marido para seguir Páris e é, ao mesmo tempo, a voz de Páris que consegue convencê-la e levá-la consigo. Por isso a retórica é simultaneamente a arte de inventar temas e conceitos e de inventar os discursos: o *rhéseis*, do qual justamente ela empresta seu nome.

Do sucesso do *Elogio de Helena* ao ataque desfechado contra a retórica no *Górgias* platônico transcorrem 27 anos, durante os quais Platão teve de assistir impotente aos crescentes triunfos da retórica. Assim, Nietzsche não está de todo errado quando sustenta que o primeiro móbil da ofensiva anti-retórica de Platão no *Górgias* foi a inveja. Realmente, não há nenhum outro diálogo platônico tão agressivo e cheio de acrimônia quanto este. Mas se a consistência da oposição entre filosofia e retórica residisse apenas numa inveja de intelectuais rivais, ela não poderia ter condicionado tantos séculos de pensamento, como condicionou.

É na sua célebre autobiografia, a *Sétima Epístola*, que Platão expõe em termos teóricos a oposição entre filosofia e retórica. Ele conta ter sido, na Sicília, preceptor de Dionísio de Siracusa, e que este, dotado de viva engenhosidade, aprendeu rapidamente seus conceitos e logo teve a presunção de se apropriar deles, compondo um escrito à maneira dos retóricos. Mas o que para Platão distingue uma filosofia autêntica é o fato de que ela deve trazer em si os sinais do trabalho mental de que se originou, e esses sinais não são exprimíveis em discursos:

Dionísio ... faz passar o que escreveu por coisa sua, não como uma repetição do que ouviu ... Mas minha ciência não

é uma ciência como as outras; ela não consiste no discurso [ou *rhetón*], mas ... nasce de um roubo da alma depois de um longo período de discussões sobre o assunto.²

Temos aqui em Platão uma tentativa, já de início de-veras discutível, de separar a formulação mental dos temas de sua expressão oral ou escrita, isto é, da sua dizibilidade (*rhetón*).

Mas se essa dizibilidade não é mais um dos critérios para se avaliar o pensamento, como pretende a retórica, qual deverá ser então o critério superior para se avaliar a filosofia? É precisamente este o problema levantado no final do *Sofista*, onde o critério supremo de toda atividade mental é a contraposição entre verdadeiro e falso:

Acaso não está claro que pensamento, opinião, imaginação, todas essas coisas surgem no nosso espírito como falsas ou verdadeiras?³

Eis que surge, pois, o critério verdadeiro-falso, que, assim como o lícito-ilícito, é um critério não agonístico e, enquanto tal, se contrapõe ao critério agonístico da eficácia e da funcionalidade, típico da retórica. De fato, uma condição indispensável para que possa haver espírito de competição é que o critério avaliatório comporte a possibilidade de uma graduação com base na qual seja possível julgar o que é melhor e o quanto é melhor. Já os critérios que só admitem uma alternativa obrigatória sem meios-termos excluem, com isso, toda possibilidade de graduação.

No *Górgias*, onde essas distinções teóricas se transformam em polêmica agressiva, a retórica é acusada de ser *stochastiké* ("que visa ao resultado", 463 a) e, como tal, não é considerada uma verdadeira *téchne*. E o tema que mais vem à baila no *Górgias* é precisamente este: a retórica visa ao resultado, enquanto a filosofia visa ao verdadeiro. Daí as comparações que se tornaram célebres: a retórica está para a filosofia assim como a culinária está para a medicina

2. Plat., *Epist.*, 7, 341 b-d.

3. Plat., *Soph.*, 263 e.

e como a maquiagem e as vestimentas estão para a ginástica. Ou seja, visando apenas ao resultado (ao prazer físico ou ao belo aspecto), ela visa à fachada, não à substância.

A polêmica de Platão contra Górgias, em nome da filosofia contra a retórica, funda-se, pois, no pressuposto de que é possível ter um pensamento *verdadeiro* mesmo não havendo uma sua expressão eficaz. Convicção que se estenderá ao longo de toda a história do pensamento ocidental, ainda que constantemente acompanhada de freqüentes e vivazes confutações. Basta recordar, no início do século, a de Benedetto Croce na sua *Estética*:

Ouve-se com freqüência certas pessoas afirmarem que têm em mente muitos e importantes pensamentos, mas que não conseguem exprimi-los. Na verdade, se de fato os tivessem, tê-los-iam cunhado em belas e sonoras palavras e, assim, seriam expressos. Se, no ato de exprimi-los, esses pensamentos parecem desaparecer ou tornar-se escassos e pobres, é porque não existiam ou eram apenas escassos e pobres.⁴

Não há depoimentos que atestem ter Górgias respondido a Platão com alguma confutação desse gênero, ainda que seja lícito imaginá-lo. É certo, porém, que ele se gabava de sua capacidade de inventar e colocar os temas filosóficos, sem os quais a filosofia não teria tido sequer o que discutir. Isso nos é atestado por um depoimento do escoliasta no *Górgias* platônico:

Górgias, que era verdadeiramente hábil, não só estava pronto para se defender, mas colocava ele próprio os quesitos filosóficos.⁵

Um elemento de mediação nessa violenta oposição entre filosofia e retórica provém certamente de uma terceira disciplina, a dialética, que sob mais de um aspecto se apresentava como intermediária entre a retórica e a filosofia. Sócrates foi sua figura emblemática, inclusive por seu amor em falar na rua ao público, o que está de acordo com a pos-

4. B. Croce, *Estética*, Bari, 1950, p. 12.

5. *Schol. Plat. Gorg.*, 468 d.

tura colaboradora da dialética. Ao contrário da retórica, a dialética, do mesmo modo que a filosofia, considera essencial a oposição entre verdadeiro e falso; mas, ao contrário da filosofia, considera não-secundária a formulação dos conceitos. Isso, porém, não à maneira da retórica, que se preocupa com a sua expressão (seu *rhetón*), mas no sentido de que o pensador já deve prefigurar os esquemas mentais do seu interlocutor, assim como um romancista que ao escrever procura sempre imaginar quem poderá ser o seu leitor. Nesse sentido, a posição de Sócrates e da dialética é melhor expressa, no *Mênon* de Platão:

Aquilo que na verdade está mais de acordo com a dialética não é limitar-se a enunciar o verdadeiro, mas sobretudo formular tal enunciação em termos com que o interlocutor possa concordar.⁶

Daí o caráter não individualista da dialética, que a distingue tanto da retórica como da filosofia. Prova disso é que, ao menos na época da sua fundação, ela refutou essa operação tipicamente isolada e individual que é escrever. Não obstante, Górgias e Platão foram escritores, mas Sócrates quis ser somente um dialogador de viva voz. De onde deriva, como se sabe, o próprio termo dialética, de *diálégesthai*, que significa “dialogar”.

Como se sabe, Platão, em vez de combater a dialética como fez com a retórica, quis adotá-la, ainda que, ao contrário de Sócrates, considerasse (como Górgias e os outros retóricos) que o pensamento era uma atividade individual, a ser consumado na própria intimidade do escritor. Recorreu então ao estratagema de escrever diálogos com interlocutores que lhe convinham, sempre condescendentes, de modo que o autor é ao mesmo tempo aquele que interroga e aquele que responde. No *Crátilon* ele admite explicitamente que essa é a sua técnica:

Aquele que é capaz tanto de interrogar como de responder acaso não é chamado dialético?⁷

6. Plat., *Men.*, 75 d.

7. Plat., *Crat.*, 390 c.

Infelizmente
vezes as personagens
se hábeis no interro
giar seu interlocuto
gunta que ele deve
Górgias:

Sóc. Quer me fazer

Pol. Claro.

Sóc. Pergunte-me qu

Pol. Pergunto: que an

2. O repúdio da retórica e

Górgias considerava que, em aspecto particular do raciocínio filosófico denominado *loguismós*. Assim, no prefácio do *Elogio de Helena* exprime sua proposta da seguinte forma:

Deveria ser próprio de um mesmo homem dizer o que se deve de modo correto, ou confutar... Eu fornecerei, antes de mais nada, com a palavra, certo tipo de *loguismós*.⁹

Mas o Górgias de Platão sancionou, pela primeira vez na história do pensamento, o divórcio entre filosofia e retórica. Apesar de, mais tarde, Aristóteles ter jogado muita água no fogo dessa polêmica cisão, esse divórcio perdurou e continuou a atuar em profundidade. O caso mais clamoroso nesse sentido foi o do primeiro historiador sistemático da filosofia, Diógenes Laércio, o qual, na sua célebre *Vida dos filósofos*, tratou de 82 filósofos que viveram antes dele, dedicando tratamento especial até mesmo a personagens insignificantes e logo esquecidos, como Monimo, Onesícritos, Métrocles, mas não considerou Górgias digno de sequer duas linhas da sua história da filosofia.

Entretanto, foi precisamente a filosofia platônica que mais se ressentiu do divórcio da retórica. Ressentiu-se tan-

8. Plat., *Gorg.*, 462 d.

9. Gorg., *Hel.*, 2.

to no conteúdo como no estilo. No que concerne aos conteúdos, cortar relações com a retórica privou Platão daquela arte heurística da busca dos temas a tratar, que proporciona ao filósofo a justificativa dos pontos de partida das suas pesquisas. Górgias era um mestre em tal heurística, como nos atesta Aristóteles:

Górgias diz que nunca lhe faltam argumentos. De fato, ele procede de modo tal que, devendo falar de Aquiles, vem a louvar Peleu [pai deste], depois a falar de Éaco [avô de Aquiles, divindade encarregada dos julgamentos no Hades], portanto da divindade...¹⁰

Apesar de ser de tipo mecanicamente associacionista, a heurística retórica assim descrita por Aristóteles pode sempre constituir aquele “fio condutor” (*Leitfaden*), que Husserl, com razão, considerará dever sempre sustentar a introdução de todo tema tratado pela filosofia.

Faltando o “fio condutor” heurístico, Platão procura substituí-lo pelo plano descritivo e autobiográfico: os temas de seus diálogos costumam ser introduzidos por descrições de paisagens naturais ou narrativas de encontros entre amigos. Essa invasão do território dos conceitos filosóficos, pelo detalhe paisagístico e biográfico, muito embora possa conferir, por um lado, um caráter agradável a seus diálogos, por outro constitui um enfadonho desvio da coerência dos raciocínios lógicos e, portanto, para quem quiser pensar e refletir, representa um elemento de perturbação e fastio. Hegel, mesmo admirando Platão, ficava terrivelmente irritado com essas divagações, tanto que escreveu em suas *Lições de história da filosofia*:

O que torna difícil o estudo da dialética platônica é ... sua vontade de mostrar o universal partindo de representações concretas. Esse modo de começar, que parece facilitar o conhecimento, multiplica ao contrário as dificuldades, já que nos leva a um terreno onde o que conta e é ostentado é bem diferente daquilo que vale para a razão.¹¹

10. Arist., *Rhet.*, 3, 1418 a.

11. G. Hegel, *Geschichte der Philosophie*, hsgg. von Michelet, Berlin, 1840, p. 223.

Mas, também no plano do estilo, a filosofia platônica ressentiu-se do seu divórcio da retórica. No *Górgias*, Platão gaba-se várias vezes de que seu estilo filosófico é caracterizado pela brevidade, ou “braquilogia”, e critica com derisão o estilo retórico, caracterizado pela extensão, ou “macrologia”. Ele se imagina então no ato de exortar Górgias a não seguir seu costume estilístico, mas a responder “com brevidade” (*katá brachy*) suas perguntas:

procure responder com brevidade às perguntas.¹²

No terceiro livro da *Retórica* Aristóteles caracteriza, com maior pertinência, os dois estilos opostos não como braquilogia e macrologia, mas como “elocução quebrada” (*léxis dieireméne*) e “elocução concatenada” (*léxis kates-tramméne*). Por causa da sua mentalidade dogmática, Platão tende a reduzir as questões filosóficas a uma série de alternativas que comportam apenas dizer sim ou dizer não: grande parte das respostas dos interlocutores dos seus diálogos se reduzem efetivamente a um sim ou a um não. Desse modo, na primeira parte do *Górgias*, Sócrates consente ao personagem Górgias quase que apenas respostas monossílabas embora seja ele a dar título ao diálogo. Essa redução de todo raciocínio à alternativa verdadeiro-falso parece quase uma antecipação *ante litteram* do neopositivismo novecentista, com todos os seus inconvenientes. Se acaso houve um ápice da braquilogia na história do pensamento, tal momento foi constituído pelo *Tractatus* de Wittgenstein.

Inevitavelmente, a “elocução quebrada”, a braquilogia, age de maneira redutora sobre a riqueza dos problemas afrontados. O próprio mestre de Wittgenstein, Russell, que, em certas ocasiões, acabou por lhe dar razão, exclamou desconsolado:

Sempre pensei na matemática com devoção, na medida em que ela me proporcionava algo não humano para admirar, e senti uma grande dor quando Wittgenstein induziu-me a considerá-la nada mais que um conjunto de tautologias.¹³

12. Plat., *Gorg.*, 449 b 8.

13. B. Russell, *My Mental Development*, Nova York, 1951, p. 19.

O reducionismo da “elocução quebrada” provoca uma queda análoga da tensão conceitual. Reconheceu-o bem Aristóteles, ao notar que na “elocução concatenada” os diferentes raciocínios voltam-se todos para uma meta final, e por isso prendem a atenção e estimulam a criatividade; enquanto a “elocução quebrada” induz a um pensamento espasmódico, inevitavelmente mais estéril:

A elocução quebrada é pouco eficaz porque informe; de fato, todos desejam ter em vista a meta.¹⁴

E precisamente uma resposta do gênero deviam dar os partidários da retórica ao ataque de Platão contra a “macrologia” em nome da “braquilogia”. No próprio Platão é possível encontrar um eco dessa resposta, na objeção que põe na boca de Hípias no *Hípias maior*:

Mas, Sócrates, o que achas que tudo isso é? O que pro-
pões são palhas da sega, fragmentos de raciocínios, bruni-
dos com o sistema “com brevidade” (*katá braquí*).¹⁵

Essa esterilidade da filosofia privada da retórica foi percebida pelo próprio Platão, que, na verdade, fez um amplo uso da repudiada retórica, de maneira tão evidente quanto inconfessada: o que é o hábil edifício dos dez livros da *República* senão uma complexa “macrologia” edificada com maestria retórico-arquitetônica?

Se quiséssemos resumir tais dificuldades conteudísticas e formais da filosofia, poderíamos reduzi-las àquela que era então e sempre continuou a sê-lo a dificuldade máxima da filosofia: como identificar seu assunto quanto ao conteúdo e, portanto, como identificar seu estilo quanto à forma. É exatamente por sua oposição à retórica que a filosofia vê-se obrigada a tomar consciência dessa sua dificuldade inicial. No começo do *Górgias*, o personagem Sócrates não percebe — ou talvez finja não perceber — que suas objeções contra a retórica valem antes de tudo contra a filoso-

14. Arist., *Rhet.*, 3, 1409 a.

15. Plat., *Hipp. maj.*, 304 a 4-6.

fia. De fato, Sócrates observa que, se se perguntar a um matemático qual a sua competência específica, este poderá responder: “o par e o ímpar”; se se perguntar a um astrônomo, este poderá responder: “os astros, o sol, a lua”. Ao contrário da aritmética, da astronomia e das outras ciências, a retórica não pode ostentar nenhuma competência específica. Mas acaso não é este o motivo pelo qual justamente a filosofia, da Antiguidade até hoje, sempre teve de defender sua sobrevivência, pretendendo falar de tudo sem ter nenhuma competência específica?

No começo da sua *Retórica*, Aristóteles, ainda sob a influência de Platão, atribui essa dificuldade apenas à dialética e à retórica:

A retórica é análoga à dialética: ambas concernem a objetos cujo conhecimento, de certo modo, é próprio de todos os homens, e não de uma ciência específica.¹⁶

Mas qual é a “ciência específica” que pode caracterizar a filosofia?

Recorrer ao critério verdadeiro-falso, cuja falta Platão critica continuamente na retórica, é de pouca ajuda para assegurar à filosofia um terreno qualquer de competência específica que a torne superior à retórica, que não o possui. O resultado mais positivo a que Platão chega a esse propósito está no *Teeteto*, onde a filosofia parece ser a competência de saber apreender as diferenças entre os vários argumentos das diversas ciências, isto é, de constituir uma espécie de ciência das ciências:

Aquele que, já tendo uma opinião clara de todas as coisas que existem, delas apreender, ademais, a característica pela qual essa coisa se distingue das outras, virá a ter dela também o conhecimento, enquanto antes tinha apenas a opinião.¹⁷

Esta será uma ilusão que sustentará a filosofia por muito tempo em sua luta secular pela sobrevivência, mas que as próprias ciências, à medida que progridem, tornarão cada vez mais vã. Ainda em meados do século XIX, Comte

16. Arist., *Rhet.*, 1, 1354 a.

17. Plat., *Theaet.*, 208 a.

podia ter a ilusão de que coubesse à filosofia distinguir o âmbito da química do da física, mas hoje, na era da biofísica, essa pretensão tornou-se insustentável: nenhum químico e nenhum físico levariam a sério uma sugestão da filosofia que pretendesse aconselhar-lhes determinada divisão de tarefas.

Assim, a filosofia, se se obstinar a permanecer vinculada a seu propósito anti-retórico de basear-se na rígida oposição do verdadeiro ao falso, nunca encontrará um argumento sobre o qual possa ter a competência específica de sustentar coisas seguramente verdadeiras e não falsas. Diante dessa dificuldade pode parecer oportuna a revalorização da opinião, isto é, de um pensamento não vinculado ao critério verdadeiro-falso, levada a cabo por aquele que, junto com Górgias, também foi protagonista da retórica ateniense, Protágoras. Eis a sua posição, ao menos como transparece no *Teeteto* platônico:

Aquele que, por via de uma perspectiva inferior, tem opiniões conformes a ela pode ser induzido por uma perspectiva superior a ter opiniões diversas, conformes a essa perspectiva superior: são justamente as representações que alguns chamam grosseiramente de verdadeiras, enquanto eu digo que são simplesmente melhores do que as outras, não mais verdadeiras.¹⁸

Esse tipo de avaliação retórica não é, pois, desprovido de critérios avaliatórios, só que seu critério não é rígido e desprovido de graus, como no caso da dicotomia verdadeiro-falso, mas sim um critério agonístico-hierárquico, que admite a possibilidade de uma contínua gradação do melhor ao pior. A esse critério, o retórico siciliano Tísias dera também, junto com Górgias, a denominação técnica de “verossímil”, em grego *eikós*.

3. O desafio do verossímil ao verdadeiro

Não há motivo para pôr em dúvida o testemunho do *Fedro* platônico, segundo o qual

18. *Ibid.*, 167 b.

Tísias e Górgias afirmaram que o verossímil merece mais apreço que o verdadeiro.¹⁹

Assim expressa, essa asserção parece um mero paradoxo: é como dizer que o que é semelhante ao belo é superior ao belo, ou o que é semelhante ao útil é superior ao útil. Mas, na realidade, a responsabilidade por tal paradoxo cabe sobretudo à tradução latina da *Rhetorica ad Herennium* (II-I séc. a. C.), que traduz *eikós* por *veri similis*²⁰ e que foi seguida por toda a tradição retórica latina (Cícero, Sêneca, Quintiliano), que até nós condiciona a traduzir por “verossímil”.

Mas o significado prene de *eikós* não indica o que, em vez de verdadeiro, é apenas semelhante ao verdadeiro, mas significa aquilo que é “segundo a razão” ou, melhor, “segundo a racionalidade”. De fato, quando quer dar um exemplo de *eikós* nos *Primeiros Analíticos*, Aristóteles diz:

por exemplo, é *eikós* que os inimigos odeiem e os enamorados amem.²¹

Nesse sentido têm razão Tísias e Górgias quando afirmam: dizer que é *eikós* que Alcibiades ame Sócrates é algo mais importante do que dizer que é verdadeiro que Alcibiades ame Sócrates. Significa, com efeito, que é essa a atitude que esperamos de Alcibiades segundo determinada forma de racionalidade, de coerência, de modelo de vida.

Ao contrário, o verdadeiro sem o verossímil é, com frequência, impotente. Ésquilo personificou essa impotência na figura de Cassandra, que em vão, no *Agamêmnon*, procura convencer os presentes da trágica verdade que paira, mas que a cada ouvinte parece inverossímil. Isso acontece não só na poesia, mas também na ciência. Basta pensar na provocativa asserção do filósofo da ciência Hans Reichenbach, que, para afirmar o critério do “verdadeiro” (aquele que, em lógica, chama-se “verdadeiro funcional”) como único critério legítimo, escreveu em 1951 que no monólogo do *Hamlet*

19. Plat., *Phaedr.*, 267 a.

20. *Rhet. Her.*, 1, 9, 14.

21. Arist., *Anal. pr.*, 70 a.

na realidade “ser ou não ser” não é em absoluto um problema, é apenas uma tautologia.

O que escapa a Reichenbach é precisamente o aspecto agonístico (de uma luta consigo mesmo) do dilema de Hamlet: avaliar que aspecto pertence ao critério do *eikós*, o qual pode por isso gabar-se de ser superior ao critério do verdadeiro. Para o critério lógico do verdadeiro não pode haver diferença entre a expressão de Hamlet “ser ou não ser” e expressões claramente tautológicas como “chove ou não chove”, “o Juventus ganhou ou não ganhou”. Mantendo, pois, a tradução tradicional de *eikós* como “verossímil”, dever-se-á dizer então, como Tísias e Górgias, que o verossímil merece maior apreço do que o verdadeiro?

Que nas ciências exatas valha o contrário é inegável: dizer que a água gela a zero graus é por certo melhor do que dizer que é verossímil (ou razoável, ou provável) que a água gele a zero graus. Mas as coisas mudam quando não está em questão uma simples alternativa verdadeiro-falso, mas uma série de possibilidades, em ordem hierárquica de importância. A propósito, é típica a anedota da dona-de-casa que nega ter deixado de devolver um vaso por tê-lo quebrado, citado por Freud em seu conhecido *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905):

Em primeiro lugar, nunca vi esse vaso; em segundo lugar, nunca o tomei emprestado; em terceiro lugar, já o devolvi; enfim, já estava quebrado quando o peguei.

Pela maneira como se contradiz, a autodefesa da dona-de-casa resulta cômica. Com efeito, sua segunda asserção (“nunca o tomei emprestado”) contradiz a primeira, de não saber sequer de que vaso se trata; a terceira asserção (“já o devolvi”) contradiz a primeira e a segunda; enfim a quarta asserção (“já estava quebrado quando o peguei”) contradiz tanto a primeira, como a segunda e a terceira. No entanto, se a dona-de-casa enuncia em tempos sucessivos suas quatro asserções, mostra-se idônea não do ponto de vista de uma verdade absoluta, mas hierárquico-agonística, que é a do *eikós*. De fato, a possível verdade das quatro afirmações está em ordem hierárquica decrescente: nunca ter

visto o vaso é a eventualidade que tem maior peso para a autodefesa, enquanto a desculpa de tê-lo encontrado quebrado é o expediente mais fraco de todos.

Essa diferente eficácia das asserções verossímeis era chamada pelos retóricos gregos de seu “peso”, *ónkos*, termo que a retórica latina traduzia por *pondus*. O pior defeito de uma asserção é ser enunciada “*neglecto rerum pondere et viribus sententiarum*” [sem levar em conta o peso dos fatos e a força dos conceitos].

É o que escreve Quintiliano no nono livro da *De institutione oratoria*.²² Ele chegava a pretender que a retórica latina pudesse ser superior à grega, pois, se os gregos venciam na sutileza das asserções verossímeis, os latinos podiam superá-los precisamente no “peso” delas:

*subtilitate vincimur, valeamus pondere!*²³
[vencem-nos em sutileza, e nós os vencemos em peso!].

Seria possível afirmar que esse conceito de “peso” das asserções e dos temas (como também dos problemas e das soluções) tem pouca cientificidade, sobretudo se contraposto ao critério verdadeiro-falso, que durante séculos foi o eixo de toda pesquisa científica. Todavia essa primeira aparência é hoje desmentida pelos fatos, em particular pela epistemologia destes últimos vinte anos. Um dos mais conhecidos epistemologistas americanos vivos, Larry Laudan, embasou seu tratado de 1977, *Progress and its Problems*, precisamente no conceito de uma “*pesagem* cognitivamente racional dos problemas científicos”.²⁴

Não se trata porém de um fenômeno exclusivo do nosso século, já que o próprio Descartes, no século XVII, mostrou, em suas pesquisas específicas de mecânica, guiar-se mais por uma avaliação do peso dos problemas do que pelo critério da verdade absoluta. Tal avaliação foi determinante para que sua física elevasse os problemas do choque e da colisão dos corpos, da posição totalmente marginal em

22. Quintil., *Inst. or.*, 9, 3, 100.

23. *Ibid.*, 12, 10, 36.

24. L. Laudan, *Il progresso scientifico*, trad. it., Roma, 1979, p. 51.

que se encontravam na física precedente a uma posição central no estudo da mecânica. Isso se deveu sobretudo a uma "ponderação" das vantagens cognitivas que verossimilmente essa mudança de postura teria acarretado.

Esse comportamento é ainda mais significativo por provir daquele Descartes que partira do propósito metodológico de deixar de lado tudo o que não fosse certeza absoluta. Seus *Princípios de filosofia* começam afirmando que "será útil considerar falsas inclusive as coisas que são apenas verossímeis".²⁵

Mas já no *Discurso do método* ele recuava para uma posição menos rigorosa, que admitia também o emprego do verossímil:

Como freqüentemente as ações da vida não admitem temporizações, então, quando não nos é possível discernir as opiniões mais verdadeiras, devemos seguir as mais verossímeis.²⁶

Quando se propôs descobrir novos princípios mecânicos, já não lhe bastaram nem o critério do verdadeiro absoluto nem o do verossímil: ele adotou, para os problemas do choque dos corpos, o critério pragmático da ponderação dos problemas.

A atitude inicial de Descartes lembra muito a do Sócrates platônico no *Teeteto*, para o qual todas as opiniões apenas verossímeis devem ser consideradas falsas, porque carecem daquele caráter de necessidade que é próprio apenas da ciência:

A mera opinião não pode ser conhecimento, pois pode haver também opiniões falsas.²⁷

Tanto o rigorismo metódico inicial de Descartes como o rigorismo anti-retórico do *Teeteto* platônico são comparáveis à ingenuidade de quem acredita que o progresso científico possa ser produzido pelos computadores, os únicos

25. Descartes, *Principi di filosofia*, 1, 2.

26. Descartes, *Discurso sul metodo*, cap. 3.

27. Plat., *Theaet.*, 187 b.

que nunca erram. Mas, ao menos no estado atual, a simples memorização do verdadeiro e do falso não está em condições de produzir a inventividade da descoberta.

Na Antiguidade, quem impôs essa exigência foi justamente um discípulo de Górgias, Isócrates, personagem ainda mais emblemático por ser o único retórico a quem Sócrates reconhece, no final do *Fedro*, um talento filosófico. Quatro anos antes do aparecimento do *Górgias* platônico, em 391 a.C., numa pequena obra escrita contra os denegridores de Górgias, *Contra os sofistas*, manifesto programático da sua escola retórica, Isócrates escrevia:

Enquanto para compor corretamente as letras do alfabeto não são necessárias outras capacidades [além de não cometer erros], para criar um discurso interessante é preciso ser pertinente ao argumento e original.²⁸

A pertinência (em grego *kairós*) também poderá vir a ser programada por um cérebro eletrônico, mas programar a originalidade é uma contradição em termos.

Foi nessa oposição que Karl Popper baseou, em 1934, sua teoria da descoberta científica. Num momento em que o neopositivismo vienense queria impor a toda a ciência o embasamento na análise lógica, que se limita a distinguir o verdadeiro do falso, ele advertia que o ato de conceber e inventar uma teoria não é suscetível de nenhuma análise lógica.

Por outro lado, porém, segundo Isócrates, apenas a originalidade não basta se não for conjugada à pertinência às circunstâncias; por isso, o verossímil (*eikós*) é síntese de invenção (*héuresis*) e de oportunidade (*kairós*). Isto é, se inventarmos conceitos não pertinentes a uma realidade efetiva teremos uma mera fantasia desprovida de realidade, do mesmo modo que se nos limitarmos a registrar o que é seguramente verdadeiro na realidade não teremos sequer aquele lampejo de inteligência que nos faz compreender — e não só registrar — a realidade. Parece ter sido este o pensamento de Górgias no fragmento que nos é citado por Proclo:

28. Isocr., *Contra soph.*, 12-13.

a realidade fica obscura se não se torna aparência, mas a aparência é inconsistente se não for pertinente à realidade.²⁹

Todavia a realidade que consegue ser ao mesmo tempo aparência não é o verdadeiro, e sim o verossímil.

Aristóteles, que revalorizou a retórica, embora não negando a superioridade da filosofia, pretende pôr fim ao antagonismo entre o verdadeiro e o verossímil sustentando que o verdadeiro é o “universal absoluto”, enquanto o verossímil é o “universal com relação a” alguma coisa:

O *eikós* é aquilo que acontece normalmente, mas não em absoluto [*haplós*], como consideram alguns; é aquilo que, nas coisas que poderiam ser de outro modo, está para o que [*prós hó*] se refere como o universal para o particular.³⁰

Contudo essa relatividade do universal retórico é precisamente o fator que lhe permite representar um papel agonístico, proibido ao verdadeiro. A hipótese cosmológica dos “buracos negros”, fagocitosa matéria, é certamente uma idéia universal, mas só com relação à teoria da antimatéria; já para quem optar pela teoria da realidade como triáde próton-elétron-nêutron, a teoria dos buracos negros perde o valor. Poder-se-ia dizer, portanto, que a teoria dos buracos negros é um universal agonístico, um *eikós*, e estudar as modalidades e as possibilidades do seu agonismo pode ser objeto de uma nova retórica.

4. Estilo retórico e estilo filosófico

Citamos pouco acima a *Lógica da descoberta científica*, de Popper (1934), que teve o mérito de ligar os procedimentos da descoberta mais à lógica do verossímil do que à lógica do verdadeiro. Popper todavia não hesitava em se unir ao coro dos que, nos anos 30, ainda desprezavam os procedimentos retóricos, como indignos da dignidade da

29. Gorg., fr. 82 B 26 DK.

30. Arist., *Rhet.*, 1, 1357 a.

ciência. Mas no ano seguinte ao aparecimento do seu livro, em 1935, houve um epistemologista, muito menos conhecido, Ludwig Fleck, que propôs uma teoria dos *estilos de pensamento*, a qual retomava a antiga controvérsia entre Górgias e Platão, entre retórica e filosofia, entre verossímil e verdadeiro. Escreve Fleck em seu ensaio *Por uma teoria do estilo e da comparação de pensamento*:

As concepções não são sistemas lógicos — por mais que desejem sê-lo —, mas unidades providas de um *estilo*, que como tais se desenvolvem, se atrofiam ou morrem, com suas provas, no interior de outras concepções ... Uma das tarefas mais importantes da teoria do conhecimento comparado deveria ser pesquisar o modo como concepções e idéias pouco claras passam de um *estilo de pensamento* a outro.³¹

O conceito de estilo, entendido à maneira de Fleck, presta-se bastante bem para designar o dilema entre retórica e filosofia, que surgiu no início do século IV a.C. e que hoje volta a ser atual: mais que duas ciências em conflito, retórica e filosofia são duas maneiras diferentes de enfrentar de modo não diletante os temas cuja abordagem não é monopólio de uma ciência específica (como a bioquímica, a engenharia eletrônica etc.). Esse uso do termo “estilo” já estava presente, de resto, inclusive em autores do mundo oitocentista, p. ex., em Flaubert, que escreveu numa carta a Taine:

*le style n'est qu'une manière de penser*³²

[o estilo é tão-só uma maneira de pensar].

E se quiséssemos caracterizar o estilo retórico, tal como se apresenta em sua primeira oposição ao estilo filosófico, poderia ser-nos útil a teoria expressa no fim do século por Adolf Hindelbrand (*Das Problem der Form in der bildenden Kunst*, 1893), que distingue o estilo da visão de longe, *Fernbild*, do estilo da visão de perto, *Nahebild*. A retó-

31. L. Fleck, *Genesi e sviluppo di un fatto scientifico*, trad. it., Bolonha, 1983, p. 84.

32. G. Flaubert, *Correspondance*, Paris, 1910, p. 270.

rica é caracterizada por um estilo que visa a determinar um tema, apresentá-lo em seu peso cultural e humano, propor uma solução para ele: enquanto tal, é um estilo de *Fernbild*. A filosofia, por sua vez, embora visando ao universal, aspira a dar ao tema um tratamento analítico, através de um estilo de *Nahebild*. Se a coisa é evidente quando se compara um escrito de Górgias com um de Aristóteles, menos evidente resulta se se confronta Górgias com Platão. Mas, aqui, a causa da oposição menos acentuada é justamente a forte presença de um estilo retórico inclusive no interior da filosofia de Platão.

Já Aristóteles fazia essa distinção de maneira lapidar no segundo livro da *Metafísica*: a retórica, mais fácil que a filosofia, é comparável a quem saiba alvejar uma porta com um arco, enquanto a filosofia é comparável a quem a saiba analisar em seus detalhes:

Se, em relação à verdade, as coisas parecem estar como no provérbio que diz “quem não saberia alvejar uma porta?”, então é mais fácil; contudo o fato de que, embora possuindo da porta uma visão de conjunto, não estejamos em condições de conhecê-la em suas partes indica que a empresa é mais difícil.³³

Típico de uma visão de conjunto, como a da retórica, é ela estar muito mais sujeita às diversidades dos pontos de vista do que a visão de perto. A porta citada por Aristóteles aparece segundo perspectivas bem diferentes para quem tiver um *Fernbild* de cima, da direita ou da esquerda, enquanto para quem a examinar de perto as diferenças de perspectiva serão quase inexistentes. Por isso, no trecho supracitado do primeiro livro da *Retórica*, Aristóteles caracteriza o *eikós* retórico como “universal com relação a...” O que é, precisamente, um universal perspectivo.

Essa natureza perspectiva do estilo retórico lhe confere aquela sua típica capacidade agonística de se contrapor a um adversário, na qual individualizamos desde o início sua primeira diferenciação do estilo filosófico. Isso não significa

33. Arist., *Metaph.*, 993 b.

que os filósofos não gostem de polemizar com seus colegas (ao contrário!), mas, que nos textos de filosofia as partes polêmicas são aquelas em que o estilo filosófico dá mais facilmente lugar ao estilo retórico.

Foi precisamente com o estilo retórico que a filosofia aprendeu algumas das suas estratégias polêmicas, como as descritas por Aristóteles nas *Confutações sofísticas*. Eis uma delas:

A quem se exprime em conformidade com a natureza é bom contrapor uma argumentação conforme à lei; já diante de quem se exprime em conformidade com a lei é bom empregar uma argumentação dirigida para a natureza.³⁴

Nesse sentido, assim como é célebre a distinção da *Poética* aristotélica entre a poesia e a história (“o historiador fala das coisas que aconteceram, o poeta, das coisas como poderiam acontecer”³⁵), é igualmente digna de nota a distinção que Quintiliano, no oitavo livro da *De institutione oratoria*, estabelece entre a retórica e a história. Ele sustenta que, enquanto é tarefa dos historiadores limitar-se a narrar, é oportuno que

nos *rhetores armatos stare in acie*³⁶
[nós, retóricos, estejamos sempre em pé de guerra.]

Por isso, seguindo o mestre, o discípulo de Quintiliano, Plínio, o Jovem, falou de um “estilo combativo”, *stilus pugnax*, que, se bem não de forma exclusiva, caracteriza o estilo retórico.³⁷

Nesse sentido, o estilo retórico, como estilo constitucionalmente competitivo, tem como seu antagonista radical não tanto o estilo filosófico quanto o estilo dialético. Dissemos, de fato, que a dialética se caracteriza essencialmente pela sua natureza colaborativa, e a colaboração é o oposto da competição. Na dialética, uma determinada tese

34. Arist., *Soph. el.*, 173 a.

35. Arist., *Poet.*, 1451 b.

36. Quintil., *Inst. or.*, 8, 32.

37. Plin., *Epist.*, 7, 9.

se contrapõe às outras não, como na retórica, para vencê-las e afirmar a sua superioridade, mas para, juntas, procurar superar o antagonismo numa nova visão, que tenha se possível a concordância de todos. Esse procedimento foi teorizado lucidamente por Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*:

Um é levado para uma direção, outro para outra... É preciso então que cada um se mova na direção oposta à sua; assim cada um se afastando da unilateralidade alcançará o meio-termo, como fazem os que querem endireitar os paus tortos.³⁸

Deve-se indubitavelmente a Hegel e ao marxismo de tipo hegeliano o fato de esse estilo dialético ter-se tornado nos últimos duzentos anos um dos procedimentos mais exuberantes — mas, por vezes, também um tremendo peso — do pensamento contemporâneo. Hegel descobriu que visar à superação das contradições, o que é típico da dialética, pode conjugar-se de forma feliz com a fé no progresso da história. De fato, acreditar no irrefreável progresso da história significa acreditar que as contradições do presente possam dar lugar às realizações do futuro.

O *Prefácio à Fenomenologia do espírito* chegou a personificar o *stilus pugnax*, cavalo de batalha da retórica, e o *stilus conciliandi*, próprio da dialética, nas duas faculdades humanas do intelecto e da razão. O intelecto, faculdade da dissensão, é para Hegel uma faculdade preciosa como estímulo, mas deletéria se se perseverar na dissensão:

A atividade de separar é a força e o trabalho do intelecto;... que o acidental *ut sic*, separado do que o circunda... defenda a sua existência determinada... tudo isso é a força gigantesca do negativo.³⁹

Portanto, para Hegel a combatividade negativa da retórica só poderia adquirir utilidade confluindo para o estilo colaborativo da dialética. Segundo ele, a utilidade da negação e da contradição está essencialmente em revelar a in-

38. Arist., *Eth. Nic.*, 1109 b.

39. G. Hegel, *Fenomenologia dello spirito*, trad. it., Florença, 1967, p. 32.

sustentabilidade do presente e em prenunciar dialeticamente o futuro:

A fatuidade e o tédio que tomam conta do que subsiste ao presente, o pressentimento indeterminado de um ignoto são os sinais anunciadores de algo diferente que está em marcha.⁴⁰

Essa perspectiva dialética de Hegel (e do primeiro Marx) revelou-se inegavelmente mais uma ilusão do que uma via mestra. Também um marxista hegeliano do nosso século, como Ernst Bloch, veio a definir o estilo dialético como “um moinho que faz barulho mas não mói o grão”.⁴¹

A acusação de Bloch é bem fundada: a dialética pretende possuir um esquema infalível — que sempre se reduz, inclusive em suas múltiplas variantes, à conciliação dos contrários —, e pretende que seja possível aplicar esse esquema monótono às mais diversas situações. Isso gera inevitavelmente um formalismo vazio, justamente aquele formalismo que Platão, amigo da dialética, criticava na retórica. O mundo do pensamento é muito mais variado e imprevisível do que os pedaços de pau de que fala Aristóteles no trecho citado. Claro, se um pau entortou para a esquerda, para endireitá-lo convém virá-lo para a direita. Mas, por exemplo, tentar-se-ia em vão endireitar um pensamento que pendesse excessivamente no sentido da morte, como o de Heidegger, temperando-o com um tipo qualquer de vitalismo. Nesse caso, é mais produtivo apresentar nitidamente a oposição competitiva de um discurso e de um antidiscurso, à maneira da retórica antiga.

Aconteceu porém que tanto o *stilus pugnax* da retórica quanto o *stilus conciliandi* da dialética influíram em todos os tempos sobre o estilo filosófico. Ou melhor, o procedimento filosófico caracterizou-se com frequência porque prevalecia nele ou o estilo retórico combativo, ou o estilo dialético conciliatório. Assim, surpreendentemente, aconteceu que, em Platão, inimigo ferrenho da retórica, é precisamente o polêmico estilo retórico que prevalece, enquanto

40. *Ibid.*, p. 11.

41. E. Bloch, *Dialettica e speranza*, trad. it., Florença, 1967, p. 46.

Aristóteles e Hegel, para nada inimigos da retórica, fazem prevalecer em seus escritos um estilo dialético: Aristóteles por sua tendência a procurar o “meio-termo”, Hegel por sua busca da “síntese” acima de toda e qualquer contenda. Todavia a prevalência do estilo dialético não é capaz de eliminar, na filosofia, a presença do estilo retórico: basta pensar na agressividade bem retórica com que, na *Fenomenologia*, Hegel ataca tanto os românticos como Schelling.

Resumindo, em relação ao estilo filosófico, o estilo retórico se apresenta com três características essenciais: antes de mais nada, um sentido hierárquico dos temas e das soluções, que leva a buscar de maneira agonística o que for mais eficaz do ponto de vista conceitual, independentemente do critério do verdadeiro e do falso; depois, a tendência a considerar temas e soluções em sua globalidade e, por isso, na sua apresentação perspectiva segundo os diversos pontos de vista; finalmente, a agressividade polêmica pela qual todo tema e toda solução sempre são considerados competitivos em relação a outros temas e soluções opostos. Agonismo, globalidade, polêmica bastam para caracterizar um estilo de pensamento. Foi precisamente assim que nasceu o estilo retórico na época de Górgias, e assim ele entrou em rivalidade tanto com a filosofia como com a dialética. Mas tal estilo se reduziria a um formalismo vazio se não agisse em função da criatividade conteudística que tem em mira, isto é, a *invenção* dos temas e das soluções.

Nem sempre, porém, no decorrer da sua história a retórica dirigiu seu estilo para a invenção dos conceitos. E quando não o fez tornou-se como aquele “moinho que faz barulho mas não mói o grão”, de que falava Bloch acerca da dialética hegeliana. Isso contribuiu para criar aquela má fama de formalismo vazio que tanto a prejudicou. A arte de inventar é, pois, a arma indispensável com que a retórica pode resgatar seu estilo do perigo do formalismo, conferindo-lhe aquela vitalidade que faz dela um rival direto do estilo filosófico. Por isso é oportuno que nós também demos precedência à arte da invenção como ponto de partida ideal da retórica mais válida.

CAPÍTULO II

A arte de inventar

1. A técnica do antimodelo

Devemos aos retóricos latinos a elaboração completa da arte da invenção e das suas técnicas: Cícero escreveu um tratado *De inventione*, e a *inventio* ocupa sempre a primeira parte dos manuais latinos de retórica. Mas a invenção teorizada pelos latinos se refere predominantemente às argumentações dos debates jurídicos; portanto, uma invenção em tom menor com relação à grande arte grega de inventar conceitos, temas e soluções, a *héuresis*, que constitui, como já acenamos, o orgulho de Górgias e de seu discípulo Isócrates. É à escola de Górgias que remontam as primeiras técnicas destinadas a estimular, com meios apropriados, a invenção dos conceitos.

Uma técnica inventiva típica da escola de Górgias foi a do *antimodelo*. Ela parte da convicção de que se, na invenção dos nossos conceitos, nos referirmos como ponto de partida a um modelo precedente, iremos espontaneamente imitá-lo e, portanto, será difícil dizer algo original. Essa dificuldade é evidenciada por Quintiliano, que, nesse ponto, faz eco a Górgias no décimo livro da *De institutione oratoria*:

O que quer que resulte semelhante a algo precedente é inevitável que seja de menor valor do que o que é imitado; do mesmo modo que a sombra vale menos do que o corpo que a produz, a reprodução vale menos que o original, os gestos imitados valem menos que os autênticos.¹

Por outro lado, pensar e dizer coisas que jamais foram pensadas ou ditas dificilmente pode alcançar bons resultados. Se um conceito não for apenas uma esquisitice, é im-

1. Quintil., *Inst. or.*, 10, 2, 11.